



PONTO DE VISTA | CARLOS BARRETO

Professor no Programa de Educação Policial Continuado PEPCEx da Faculdade Integradas IPEP | Professor no curso de Pós-Graduação em PNL nas Faculdades Integradas IPEP.

Morte e vida na Segurança Pública

Quando falamos em Segurança Pública, seja Federal, Estadual ou Municipal, o primeiro pensamento é prender os inimigos da sociedade, quem faz do dia a dia um risco à vida ou ao patrimônio. Porém, esquecemos de falar sobre o principal, que é sua verdadeira função: proteger as pessoas de bem.

Isso parece a mesma coisa, mas infelizmente não é. Como especialista em Programação Neurolinguística (PNL), uma das ações mostra como tomamos decisões e a forma de agir das corporações: um está em direção ao negativo, ir atrás do inimigo, o outro está em direção ao positivo, proteger.

Esse pensamento parece simplório, mas desfigura a forma de agir, já que muitos estão preocupados com a aparência e não com o resultado. Enquanto tivermos políticas públicas que não transcendam o tempo, estaremos na mão dos que assumem o Estado, e esses farão de acordo com o que pensam, não de acordo com o que precisa ser feito.

Um exemplo prático ilustrativo: eleição após eleição, os eleitos, inclusive sendo do mesmo partido, mudam completamente a forma de fazer segurança. Um exemplo claro está ocor-



“Enquanto tivermos políticas públicas que não transcendam o tempo, estaremos na mão dos que assumem o Estado.”

rendo no Estado de São Paulo, onde, sem nenhum amparo legal, foi levada a ideia de repressão, porém esse posicionamento não suportou a primeira manifestação contra a ação policial. Conclusão: proibiu-se a ação policial em comunidades, que passaram a produzir vídeos facilmente encontrados na internet mostrando as ações diárias de desrespeito ao cidadão.

Se temos isso acontecendo de forma impune (inclusive podemos

verificar com mais detalhes em outro momento), e olha que é apenas um exemplo, temos do outro lado o agente de Segurança Pública, esse trabalhando com o negativo todos os dias, não sendo reconhecido pelo poder público, não tendo amparo social, sendo escrachado diariamente pelos meios de comunicação, que fazem um desserviço diariamente à população ao mostrar apenas ocorrências violentas. Entre tantos outros motivos, como isso afeta diretamente este SER HUMANO?

Muitos talvez se lembrem do caso de 2011, em que policiais foram acusados de atirar em um homem no cemitério, fato esse inaceitável, mas será que é regra nas diversas forças de segurança, como as matérias da época faziam acreditar? A resposta é não. Mas olhando esse caso como desvio de conduta pessoal, teremos aí a oportunidade de estudar o que acontece no dia a dia da Segurança Pública e o que os políticos e imprensa fazem para ter sua audiência e votos.

Por trinta anos trabalhei na Polícia Militar de São Paulo (PMESP), onde infelizmente tive a oportunidade de ver pessoas sendo presas em flagrante e soltas momentos depois,

não por erro e sim por interpretação da lei, que infelizmente tornou-se algo tão problemático que chegou ao Supremo Tribunal Federal interpretar conforme o momento.

Isso causa em quem é operador da lei uma frustração, que em um primeiro momento não tem muita importância, mas sabemos que dia após dia fatos negativos vão gerando um desconforto emocional que não tem como ser explicado. E situações recorrentes, em que a pessoa acaba somatizando pensamentos negativos diariamente, causam um desvio emocional, afastamento de padrões sociais adequados, levando o agente a quadros de estresse, raiva, solidão, angústia, depressão, chegando a quadros mais graves, como a **Síndrome de Burnout**. Um desgaste que prejudica os aspectos físicos e emocionais da pessoa, levando a um esgotamento profissional, conforme aponta o psicólogo norte-americano Freudemberger, que descreveu os sintomas que ele e seus colegas estavam enfrentando.

Nesse ponto, a situação é mais grave, em muitos lugares do mundo isso possui um elevado nível de preocupação com os profissionais. Não é o nosso caso, no Brasil, em especial São Paulo, onde a saúde mental é visto como coisa de quem está procurando uma forma de se esconder do serviço operacional, o chamado “13”, Afinal, ninguém quer vestir o “macacão azul” que indica que você tem restrições médicas. Logo, não damos, por cultura interna, o devido respeito a esse fato, a devida atenção ao verdadeiro mal que as forças de segurança enfrentam. Além de todos jogando contra, temos também que superar nossa própria limitação e saber quando pedir socorro, e como não o fazemos, temos os maiores índices de suicídio e dependência química de

qualquer outra profissão. Talvez alguém discorde, então vejamos isso mais de perto.

É de conhecimento de todos as forças de segurança são compostas por homens e mulheres que trabalham diuturnamente, nas diversas modalidades de policiamento, visando bem cumprir sua missão constitucional, a qual consiste na preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patri-

“ Não podemos viver esperando um gatilho mental para acabarmos com nossa vida. ”

mônio, atribuição esta realizada por meio da polícia ostensiva e preventiva principalmente.

O acúmulo dos fatores cotidianos até aqui apontados abala significativamente a estrutura comportamental do agente, tornando-o, gradativamente, menos resistentes às pressões psicológicas do dia a dia. Isso leva esse profissional a altíssimos piques de estresse, com o potencial desse transtorno mental sempre em evolução, ocasião em que eventualmente passará a agir com frieza, cinismo e desprezo, conduzindo-o às práticas de ações violentas e, até mesmo, ao suicídio, conforme se tem observado pelas várias notícias divulgadas pela mídia em geral.

Devemos lembrar que é um mito quando se fala que o suicídio é uma decisão isolada e individual. A verdade é que o suicida está passando quase que invariavelmente por uma

doença mental que alerta, de forma radical, a sua percepção da realidade e interfere em seu comportamento, e para que isso seja evitado, basta um amigo atento perceber os sinais. Se entendermos que o risco de suicídio pode ser eficazmente tratado, entenderemos que podemos ajudar.

O desamparo, a desesperança e o desespero são fatores importantes que merecem atenção, e isso pode ser percebido quando o agente procura o isolamento social por exemplo. Isso costuma ocorrer principalmente com homens, solteiros entre 15 e 35 anos ou maiores de 65 anos, com problemas financeiros, o que diz muito sobre nossos agentes, que via de regra se enquadram nesse perfil.

Vamos olhar de perto alguns números comparativos.

Mais de 33% dos agentes de segurança possuem um segundo ou mais casamento, ou seja, a cada 100 policiais, 33 têm outros relacionamentos, o que mostra claramente que alguma coisa errada no comportamento social acontece.

As forças de segurança possuem proporcionalmente o maior índice de suicídio entre todas as profissões catalogadas pelo Ministério do Trabalho, com um número quase duas vezes superior a de outras profissões.

A média anual só de Policiais Militares que comentem suicídio é de 01 a cada 11 dias. Quem trabalha na Segurança Pública, tem média de vida estimada em 58 anos; já a população que exerce outras profissões tem como média de vida 72 anos de idade. Além desses números, ainda temos que nos preocupar com os agentes que estão afastados de suas atividades por problemas físicos causados por acidentes de viatura, tiro, queda e tantos outros motivos que fazem da ação diária um risco iminente.

Outra comparação é que os civis que trabalham na área de segurança e utilizam o armamento como equipamento de segurança têm o grau máximo de insalubridade, justamente por trabalhar com armamento, segundo a Classificação Brasileira de Ocupação (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego. Já os agentes de segurança têm que em muitos casos aujizar a garantia desse direito.

Nesse ponto, quero fazer uma reflexão e peço que vocês na medida do possível também façam.

Em 2010, desenvolvi e apliquei o Primeiro Treinamento de Programação Neurolinguística para a PMESP, denominado PRACTITIONER, uma conquista pessoal, mas que abriu a porta para um grave problema na área de segurança. Nos nove dias que se seguiram, tive pela primeira vez, desde que começara a trabalhar com desenvolvimento humano, a real noção das nossas limitações quanto a reconhecer as dificuldades como uma verdadeira doença. Quero que entendam que estamos falando de policiais que estavam já buscando desenvolvimento pessoal.

O que me fez pensar no treinamento que havia dado anos atrás, que foi muito bem avaliado pelos participantes civis, e no entanto foi muito mal avaliado pelos policiais que participaram, o treinamento de Autoestima. Por alguns anos isso ficou em minha cabeça, até perceber que os policiais possuem uma baixa autoestima num grau muito elevado, e confirmei isso quando tive a oportunidade de treinar Guardas Municipais em várias cidades do estado.

Estuando isso de forma mais detalhada e mensurando os trabalhos realizados ao longo de quase 21 anos, tive a oportunidade de desenvolver uma metodologia e entendimento pessoal do problema de forma ímpar, tanto na aplicação quanto no entendimento.

Enquanto os profissionais da saúde mental apontam que os riscos são óbvios, como trabalhar com um meio que pode causar a morte (arma), trabalho por tempo indeterminado (escalas de serviço), frustrações pessoais e profissionais de várias formas, deixam de lado algo que comecei a chamar de **PERDA INDIRETA**.

E, assim, todas as outras coisas passaram a fazer sentido. Sabemos que a frustração é decorrente de sentimentos de realização não alcançada, seja qual for o resultado de uma ação exercida.

Vamos imaginar a seguinte cena, para que fique mais simples o entendimento desse conceito.

Você, leitor, com certeza já viu em algum lugar o corpo de uma pessoa morta, mesmo que na televisão, nos telejornais que têm na audiência o motivo adequado para mostrar. Pois bem, você vê e vai embora, troca de canal; quando ouve o nome da pessoa, aquilo não tem importância porque você não tem nenhum vínculo com ela.

Mas, e o agente de segurança, como fica nessa situação: Será que não tem nenhum vínculo também? Num primeiro momento, é simples a resposta: não. Porém, um detalhe precisa ser observado: o policial fica muitas vezes por horas a fio ao lado do corpo, conversa com a família, que independente do motivo da morte, tem um vínculo, vive a dor da perda. Já o policial não vive a dor da perda, mas sente a emoção que o outro está sentindo. Agora, imagine esse fato ocorrendo várias vezes durante 30 anos.

Claro, com o passar do tempo aprendemos a não pensar mais nesse fato, aprendemos a manter uma distância das emoções. Agora acrescenta a esse momento um fato novo: seu colega de serviço é quem morre, você continua ainda um pouco distante, porém isso também vai abalar a pessoa que vê o desespero dos fa-

miliares, desta vez de alguém próximo. O sentimento, apesar de ter sido ignorado, ainda está presente.

Com o passar dos anos, tudo que você fez foi somatizar suas emoções, no caso, as emoções negativas. Sem perceber, de forma inconsciente isso vai estar em seu DNA, você querendo ou não. E como evitar tal problema? Como podemos trabalhar esses sentimentos? Como podemos fortalecer nosso lado emocional?

A resposta apesar, de simples, requer muito esforço: procurando ajuda profissional e adequada, de preferência de profissionais que entendam essas perdas indiretas.

Por ter vivido isso por 30 anos e trabalhado nesse campo quase 21 anos, tive a oportunidade de desenvolver uma metodologia com ferramentas de PNL para a aplicação do PRACTITIONER, onde a ação vivida pelos agentes de segurança tem um peso apenas igual ao que viveu, nem maior nem menor, e aprender com essa vivência é a base do treinamento.

A oportunidade de estar escrevendo este artigo serve para mostrar que temos condições de fazer a diferença em nossas vidas e na vida dos nossos amigos. Infelizmente, o poder público tem na “miséria” do relacionamento sua força para continuar a ter os agentes ao seu lado.

Temos que mudar essa situação, não podemos continuar a viver à mercê de escolhas governamentais, e para isso basta você escolher ser melhor. Invista em sua saúde mental. Não podemos nos matar dia após dia e achar que isso é normal. Não podemos viver esperando um gatilho mental para acabarmos com nossa vida, precisamos escolher.

INVESTIR EM NÓS E DEPOIS EM NOSSA PROFISSÃO. Ou continuar fazendo o que sempre fazemos e ter os mesmos resultados. A escolha é sua.

O MUNDO MUDA, QUANDO VOCÊ MUDA! ■